



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**SUELI REGINA DE SOUZA CAMELO**

**A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR**

**SALVADOR**

**2013**

**SUELI REGINA DE SOUZA CAMELO**

**A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção da Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Élide Cristina Santos da Silva

Salvador

2013

SUELI REGINA DE SOUZA CAMELO

A INCLUSÃO DE ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_ de setembro de 2013.

**Banca Examinadora**

---

Élida Cristina Santos da Silva – Orientadora  
Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia

---

Nelma de Cássia Silva Sandes Galvão  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia

---

Amanda Botelho Corbacho Martinez  
Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia

## **AGRADECIMENTOS**

Hoje acabou mais uma etapa em minha vida. Quando penso que há cinco anos atrás ingressei na vida acadêmica, vi um novo mundo diante dos meus olhos. E agora ao finalizar esse trabalho de conclusão de curso, me reporto às pessoas essenciais, sem as quais a conclusão dessa etapa não seria possível, por isso, dedico a elas meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao meu pai (in memoriam).

A minha mãe por todo cuidado, carinho e orações.

A minha irmã pelo apoio, principalmente nos momentos difíceis.

A minha sobrinha, carismática e engraçada, meu grande beijo.

A Danilo, meu esposo e eterno namorado, a quem me incentivou a fazer deste sonho uma realidade. Agradeço pela ajuda, pela compreensão, pelo seu companheirismo e amor prestado a mim nos momentos em que eu mais precisei.

À minha orientadora, Élide, pelo auxílio, paciência, carinho e doses de ânimo prestados a mim durante a realização deste trabalho, sem ela o caminho trilhado seria, com certeza, muito mais árduo

Aos professores que compõem a banca examinadora que atenderam gentilmente a minha solicitação.

Aos mestres, que encontrei durante toda esta jornada, e que foram essenciais pra que eu chegasse até aqui.

Às demais pessoas que direta ou indiretamente influenciaram ou contribuíram para esta conquista.

A todos: Muito Obrigada.

**O Autista (Uma jornada de amor)**  
(Sávio Assad)

Vivo num mundo que você não compreende  
Vejo muitas coisas que gostaria que visse  
Amo, amo muito, tudo que alcanço neste universo  
Universo único e fantástico.

Mas para que você quer compreender ,meu mundo?  
Nunca verá o que eu vejo  
Amarás sim, mas... o comum  
Esse mundo é meu.

Por relance te vejo a minha frente  
Te desconheço, não quero te ver  
O meu mundo é mais bonito  
Mas introspectivo.

Vivo nas estrelas, neste céu imenso  
As vezes, numa estrela cadente, chego a você  
Mas volto correndo  
Não adianta me chamar.

Meu mundo gira mais que o seu  
Meu mundo tem mais brilho que o seu  
Por isso não quero sair dele  
Me deixe aqui.

Eu vim lhe mostrar isso tudo  
Mas você não me entende  
Você vê seu mundo como o certo  
Por isso volto mais cedo para o meu.

Me perdoe, por não conseguir  
Fazer você me entender  
Me perdoe, por meu regresso  
Mas tentarei em outras casas  
E em outros lugares,  
Fazer com que me compreendam.

Me perdoe, já que a minha família  
não me entende, e eu  
Mais uma vez, não consegui te mostrar o meu mundo  
Tentarei voltar em outro lugar  
Para completar minha jornada de amor.

## RESUMO

Este trabalho fala sobre a inclusão do aluno autista na escola regular, traz um breve histórico sobre a história, conceitos e etiologias, características das pessoas com autismo. Fala também da inclusão de alunos autista na escola regular, a educação das pessoas com autismo e a escola como espaço de interação. O trabalho esclarece como a autora chegou a esse tema de pesquisa e descreve como as interações sociais entre o aluno com autismo e os professores da escola regular influenciam no processo de inclusão escolar de alunos autistas.

**Palavras-chave:** Inclusão Escolar, Autismo, Interações Sociais.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>AUTISMO .....</b>	<b>12</b>
2.1	HISTÓRIA.....	12
2.2	ETIOLOGIA E CONCEITOS.....	14
2.3	CARACTERÍSTICAS DA PESSOAS COM AUTISMO.....	17
<b>3</b>	<b>A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA ESCOLA REGULAR .....</b>	<b>21</b>
3.1	A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NA ESCOLA REGULAR.....	21
3.2	A ESCOLA COMO ESPAÇO IMPORTANTE PARA A INTERAÇÃO DO ALUNO AUTISTA.....	28
<b>4</b>	<b>OBSERVAÇÃO DAS INTERAÇÕES VIVENCIADAS PELO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR.....</b>	<b>31</b>
4.1	METODOLOGIA.....	31
4.2	A ESCOLA.....	32
4.3	O ALUNO OBSERVADO .....	33
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>41</b>
	<b>APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista .....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE B - Roteiro de Observação .....</b>	<b>44</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tripé do Espectro Autístico.....	17
---	----



## 1 INTRODUÇÃO

O autismo bem como outras síndromes e deficiências ainda são cercados por atitudes de discriminação e preconceito que envolvem o desconhecido e a desinformação. Neste sentido, o pesquisador ou o estudioso do Autismo tem como compromisso primeiro desvendar um imenso espaço do conhecimento sobre Autismo e dar passos, ultrapassando quadros estreitados por um diagnóstico, descrevendo o universo do autista como tal, desenvolvendo estudos e divulgando achados compreendidos nas interações das especificidades de cada sujeito autista que se estuda. (RODRIGUES E SPENCER, 2010).

Nos últimos anos tem aumentado as discussões sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais nas escolas regulares. Atualmente a lei garante o direito à educação dessas pessoas. Contudo percebe-se que a inclusão do discente autista não é tão fácil, tendo em vistas as características apresentadas pelos mesmos: dificuldade na interação social, comunicação e comportamentos repetitivos, o que dificulta a relação com professores e colegas dos alunos autistas. Sendo assim existe um longo caminho para que se efetive a inclusão.

Os manuais de classificação de doenças e transtornos mentais definem o autismo infantil como um Transtorno Global do desenvolvimento, manifestado antes dos três anos e que apresenta comprometimento nas interações sociais, comunicação e comportamento. O autismo pode trazer graves comprometimentos na aprendizagem da criança, sendo assim o educador precisa ter conhecimentos para entender e ajudar as crianças autistas. Surge então há necessidade real de uma educação inclusiva, não só meramente por uma lei que garanta esse acesso, mas que ocorra uma educação adequada à criança autista. Por isso faz-se necessário mais estudos para compreender como se estabelece as interações sociais desse aluno, com seus colegas e professores. Diante destes estudos será possível entender como ocorre essa inclusão e quais as dificuldades enfrentadas nesse processo.

O interesse por essa temática surgiu quando estava cursando a disciplina Educação Especial, porém no decorrer do semestre surgiu também o interesse por outra temática, tendo em vista que a autora trabalhava em uma escola que os alunos tinham muita dificuldade com a leitura. Porém nos últimos semestres, no estágio de coordenação tive contato com um aluno com necessidades especiais.

Então ficou claro o desejo em realizar um trabalho na temática de educação especial, especificamente sobre o aluno autista.

Este trabalho pretende pesquisar como as interações sociais entre o aluno com autismo e os professores da escola regular influenciam no processo de inclusão escolar de alunos autistas.

#### Objetivo Geral:

- Analisar como acontece a relação do aluno autista com o professor no contexto educacional, e como essa relação influencia no processo de inclusão.

#### Objetivos específicos:

- Identificar as interações sociais vivenciadas pelo aluno com autismo e o professor na sala de aula;
- Verificar as implicações dessa interação social no processo de inclusão educacional do aluno com autismo;
- Analisar os benefícios percebidos no processo de inclusão.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a metodologia do Estudo de Caso com enfoque qualitativo de pesquisa. A presente pesquisa foi adotada por entender que atende as necessidades da temática discutida neste trabalho. Sendo assim o estudo de caso foi o mais adequado, entendendo que permite uma observação do aluno autista na escola e sua relação com o ambiente, professor e colegas. Na pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, visitas a escola regular, entrevista com a professora e observação do aluno na sala e demais espaço da escola.

Este trabalho está estruturado em cinco partes: No primeiro capítulo, a introdução, consta a justificativa, o tema da investigação, os objetivos, a metodologia e a síntese dos capítulos.

O segundo capítulo, que traz como título “Autismo”, traz informações sobre a história do autismo, etiologia e conceito do autismo e as características da pessoa com autismo. Os autores utilizados para dar embasamento teórico foram: Assumpção Júnior (1995); Bosa (2002); Rodrigues e Spencer (2010); Leboyer (1995); Cunha (2009) e outros.

No terceiro capítulo, “A inclusão de alunos com autismo na escola regular”, são tratadas questões pertinentes à educação de pessoas com autismo na escola regular e a escola como espaço importante para a interação do aluno autista. Este capítulo foi embasado por autores como: Ferreira e Guimarães (2003); Mendes (2010); Oliveira (1993) dentre outros.

O quarto capítulo “Observação das situações vivenciadas pelo aluno autista na escola regular” traz informações sobre a instituição escolhida, o aluno observado, a coleta dos dados e a metodologia adotada. No último capítulo, são feitas as considerações finais a cerca do trabalho.

A intenção é que este trabalho, aliado a outros sobre o tema, contribua para o avanço nos estudos sobre a inclusão do aluno com autismo.

## 2 AUTISMO

O autismo, ou transtorno autista é o transtorno invasivo do desenvolvimento mais conhecido. Caracteriza-se por um prejuízo marcado e sustentado da interação social, por distúrbios de comunicação e por padrões restritos e estereotipados de comportamentos e interesses. Para que se conclua esse diagnóstico, anormalidades no funcionamento em cada uma dessas áreas (interação social, comunicação e comportamentos) devem estar presentes aos três anos (MARTINS, PREUSSLER e ZAVASCHI, 2002, p. 41).

Ao observar essa definição sobre autismo pode-se levar a refletir que compreender o que é autismo é fácil. Contudo o autismo é um tema muito complexo e amplo, abrangendo diferentes concepções sobre o mesmo.

### 2.1 HISTÓRIA

O termo autismo originou-se do grego autós, foi utilizado pela primeira vez por Bleuler para descrever a fuga da realidade e o retraimento interior de pacientes com esquizofrenia (CUNHA 2009). Mas segundo Bossa (2002) foi Leo Kanner, um médico psiquiatra infantil austríaco, naturalizado americano que trouxe a primeira definição de autismo. Ele constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil denominada, a princípio, de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (CUNHA 2009). Leo Kanner a partir de um estudo com crianças que ele clinicava constatou que as crianças tinham uma incapacidade no relacionamento interpessoal que diferenciava de outras patologias, atraso na aquisição da fala e dificuldades motoras (CUNHA 2009).

Kanner a partir de suas observações com as crianças que atendia publicou seu artigo conhecido como “Distúrbios autísticos do contato afetivo” (Autistic disturbances of affective contact) publicado em 1943. Ele descreveu as seguintes características:

São chamadas autistas as crianças que têm inaptidão para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacidade de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereotípias gestuais, uma necessidade imperiosa de

manter imutável seu ambiente material, ainda que dêem provas de uma memória freqüentemente notável. Contrastando com esse quadro, elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal (LEBOYER, 1995, p. 9).

Após seis anos de publicação de seu artigo em 1949 Kanner passou a nomear o que havia observado como “Autismo Infantil Precoce”, fazendo ressalva que apesar de assemelhar-se com os sintomas de esquizofrenia, deveria se distinguir da mesma, por ter características individuais (ASSUMPÇÃO JUNIOR, 2009).

Em 1956, Leo Kanner, insistia na consolidação conceitual da síndrome, mas sentia a necessidade de aprofundar-se mais sobre o entendimento do fenômeno em nível biológico, psicológico e social. Em 1968, acrescentou às suas considerações a necessidade do diagnóstico diferencial com deficientes mentais e afásicos (ORRÚ, 2009, p. 20).

Kanner no seu estudo sobre autismo infantil classificou o autismo dentro do quadro de “psicose infantil”. A partir dos primeiros relatos de Kanner a respeito do autismo, muitas outras pesquisas foram originando-se e novos conceitos surgindo tendo como referencial os seus estudos.

Paralelamente aos estudos de Kanner, o pediatra Hans Asperger, em 1944, desenvolveu uma tese que apresentava um conjunto de sinais parecidos com os descrito por Kanner. Asperger realizou seu estudo com crianças de até três anos, ele atribuiu o quadro observado de psicopatia autista. Foram segundo ele identificadas várias semelhanças com os casos de Kanner, porém salientou que as crianças de seu estudo mostravam uma inteligência superior e aptidão lógica e abstração, apesar de interesses excêntricos (CUNHA, 2009, p 22-23). Kanner e Asperger nomearam o termo autismo para chamar atenção

Sobre a qualidade do comportamento social que perpassa a simples questão de isolamento físico, timidez ou rejeição do contato humano, mas se caracteriza, sobretudo, pela dificuldade de manter contato afetivo com outros, de modo espontâneo e recíproco (BOSA, 2002, p 26).

Ritvo (1976 apud ASSUMPÇÃO e KUCZYNSKI, 2009, p. 1) foi um dos estudiosos que fez alguma modificação a cerca das concepções de Kanner. A partir de suas investigações Ritvo considera o Autismo como uma síndrome, ele não

considerava como uma psicose, mas como um distúrbio do desenvolvimento. Desde as primeiras impressões a cerca do autismo até os dias atuais, percebe-se os avanços na tentativa de definir Autismo. Contudo hoje o que se tem de conhecimento sobre este assunto ainda é pouco, mesmo tendo uma variedade de definições teóricas, e compartilhamento entre os pesquisadores nota-se que há divergências sobre o seu diagnóstico. A partir dos anos 80, segundo Bosa (2002), o CID - Classificação Internacional de Doenças passa a enquadrar o Autismo na categoria de transtornos globais do desenvolvimento, pois até então era considerado uma esquizofrenia ou psicose infantil.

Hoje o autismo é definido a partir de uma observação do conjunto de comportamento agrupado em uma tríade principal: dificuldade na interação social, atividades repetitivas e restritas e comprometimento da fala (CUNHA, 2009).

Em relação aos manuais de classificação de doenças e transtornos mentais, é possível afirmar que o CID -10 define o Autismo infantil como Transtorno Global do desenvolvimento, manifestado antes dos três anos e que apresenta comprometimento nas interações sociais, comunicação e comportamento repetitivo. Já o DSM- IV define como Transtorno Autista ou Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. E suas características particulares são a presença de um desenvolvimento anormal na comunicação e interação e interesses em atividades restritas. Essas características variam de acordo com o nível de desenvolvimento do indivíduo com autismo.

Como já descrito anteriormente os estudiosos possuem diferentes opiniões sobre o autismo. Percebe-se isso no CID – 10 e DSM IV que são sistemas de classificação dos transtornos mentais e do comportamento, que também apresentam discordância e concordância entre si. Sendo assim podemos concluir o quanto é difícil chegar ao um consenso sobre a definição do autismo. No próximo item será tratado sobre a etiologia dessa síndrome.

## **2.2 ETIOLOGIA E CONCEITOS**

Alguns estudiosos atribuem que as causas do autismo estão relacionadas a anormalidades orgânicas, neurológicas e biológicas que estão inseridas em várias patologias que se apresentam nas fases pré-natais, perinatais e neonatais, fatores

genéticos, achados neuroanatômicos e achados bioquímicos (RODRIGUES e SPENSER, 2010).

Leboyer (1995) postula que os modelos etiológicos do autismo traduzem as grandes correntes psiquiátricas contemporâneas, que são os: psicodinâmicos, orgânicos e genéticos. Os teóricos psicodinâmicos enfatizam que, os pais possuem uma estrutura psíquica patológica que pode originar o nascimento de filhos com condições autísticas, e que o estresse familiar possibilitaria o nascimento de uma criança autista (RODRIGUES e SPENSER 2010).

Partindo dessa perspectiva dos estudiosos psicodinâmicos, durante muitos anos os pais foram considerados responsáveis por ter um filho autista. Kanner em 1943 em seu relato sobre seus pacientes descreveu que os pais dos autistas possuíam alguns pontos em comuns como: a classe econômica elevada, a inteligência, era poucos emotivos, frios, obsessivos e preocupados com pensamentos abstratos (LEBOYER 1995).

Já Leboyer (1995, p.48) diz que:

Várias décadas de pesquisas permitiram refutar a ideia segundo a qual o autismo deveria ser atribuído de maneira privilegiada a fatores psicossociais, a distúrbios de personalidade dos pais, a conflitos os stress familiares ou ainda a um mau relacionamento dos pais com seus filhos. As crianças autistas provêm de lares normais e a dinâmica familiar, as dificuldades cotidianas, as condutas educativas não apresentavam nada de excepcional.

Hoje é de conhecimento que o autismo pode ocorrer em qualquer classe econômica, raça ou cultura (BOSA, 2002). A teoria de Kanner não conseguiu explicar dificuldades na função materna e paterna no aparecimento do autismo. O autismo não ocorre mediante problemas nessa relação (RODRIGUES, SPENCER 2010).

A teoria orgânica, segundo Leboyer (1995) está relacionada a doenças orgânicas de patologias que vão desde fatores pré, peri e neonatais, infecções, doenças neurológicas e hereditárias. A teoria orgânica postula que o autismo é proveniente de uma anomalia no sistema nervoso. De acordo com essa teoria os pais não têm relação patológica com o autismo em seus filhos. Leboyer (1995) diz ainda que embora não se tenha uma relação aparente entre as patologias, pode ocorrer disfunção cerebral que interfere no desenvolvimento do sistema nervoso.

Estudos nos últimos anos demonstram a importância de analisar os impactos de lesões neurológicas no sistema nervoso central. De acordo com Rodrigues e Spenser (2010) um dado útil em nível de confrontação teórica reporta-se:

À amplitude do conjunto de doenças orgânicas relacionadas não apenas às condições neurológicas, mas também às normalidades metabólicas, hereditárias e às infecções virais neonatais constituídas em momentos distintos de formação do bebê (RODRIGUES, SPENSER 2010, p, 43).

No que diz respeito à teoria genética Leboyer (1995, p. 50) postula que Kanner realizou pesquisas genéticas em que considera o autismo como um distúrbio genético ou constitucional. Vários estudos foram realizados a fim de consolidar a hipótese de um determinismo genético. Segundo Leboyer (1995) é difícil definir a etiologia genética:

Devido à interpretação dos resultados. Os dados atuais não eliminam formalmente a hipótese de uma transmissão genética, mas também não a confirmam com certeza. A transmissão de um patrimônio genético dos pais aos filhos á modificação patológica do genótipo (LEBOYER, 1995, p. 59).

No que diz respeito à teoria genética, Rodrigues e Spenser (2010) postulam a importância de analisar as famílias dos autistas. Estudos realizados em grupos familiares apontam riscos de nascerem filhos da mesma família com autismo.

Nos dias atuais, Rodrigues e Spenser (2010) dizem que são sugeridos vestígios comprovados pela presença de contágio heterogêneo de componentes genéticos no Autismo. Sendo assim haveria:

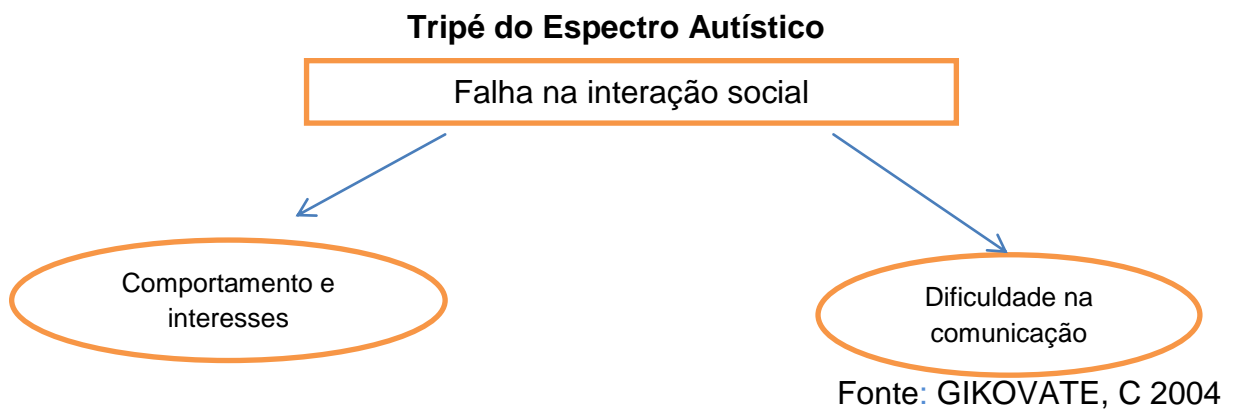
[...] uma interação entre múltiplos genes lesados em certos cromossomos. Desde modo, é aceita a existência de três a mais de dez genes relacionados com o autismo. Genes do desenvolvimento do sistema nervoso central, genes do sistema serotoninérgico e demais sistema de regulação das funções neurais, identificados em pacientes autista (RODRIGUES e SPENSER, 2010, p, 43).



Diante das teorias etiológicas sobre autismo, percebe-se a alternância nas explicações teóricas, contudo apesar dos avanços das pesquisas sobre a causa do autismo, até o presente momento não se tem uma definição única a cerca da etiologia do mesmo.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS DA PESSOA COM AUTISMO

De acordo com os estudiosos sobre o autismo observa-se um consenso que as pessoas com a referida síndrome apresentam comprometimentos em três grandes áreas: comportamento, comunicação e interações sociais.



Para ocorrer o diagnóstico de autismo é essencial haver o comprometimento dos três pés acima do tripé e que esses comprometimentos tenham ocorrido antes dos três anos de idade. Para os teóricos não há necessidade de um comprometimento igual nos grupos do tripé, mas há um consenso que para se falar em autismo exista comprometimento dessas áreas.

Observando o Tripé do Espectro Autístico no que diz respeito às relações sociais, nota-se que os indivíduos com autismo apresentam dificuldade nas relações com outras pessoas, essa dificuldade normalmente é notória a partir dos primeiros anos da criança. Conforme Tuchman e Isabelle (2009), as crianças autistas podem manifestar isolamento social ou conduta social inadequada que pode ser percebida pelo conjunto de comportamentos que vão desde desviar o olhar, não mantendo contato direto, não se integrar as atividades de grupos e não tomar conhecimento dos outros, além disso, demonstra afeições inapropriadas ou nenhuma tendência a contato social ou emocional. Leboyer (1995) também postula a respeito das

características de relações sociais das crianças autistas. Segundo o mesmo essas crianças apresentavam:

Ausência de contato visual e pela ausência de resposta de sorriso e de mímica. Mais precisamente a, criança autista não utiliza contato visual para chamar a atenção, além disso, há ausência, atraso ou cessão do sorriso em resposta aos outros sorrisos. A criança é indiferente aos outros, ela ignora e não reage à afeição e ao contato físico (LEBOYER, 1995, p 15).

Bosa (2002) diz que devido aos avanços nos estudos sobre autismo e a comunicação entre os pesquisadores, hoje já é possível termos uma nova visão acerca dessas características, pois segundo ela:

Durante muito tempo prevaleceu a noção de pessoas com autismo sendo alheias ao mundo em ao seu redor, não tolerando o contato físico, não fixando o olhar nas pessoas interessando-se mais por objetos do que por outras pessoas. Nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento. Alguns, ao contrário, podem buscar o contato físico, inclusive de uma forma intensa, quando não “pegajosa”, sendo pais e professores (BOSA, 2002, p, 34).

A outra característica mencionada é a dificuldade de comunicação verbal e não-verbal. Rapin (2009) ressalta que é recorrente crianças autistas até os três anos de idade apresentar ausência de fala ou fala muito pouca. De acordo com Bosa (2002) a crianças em seus primeiros anos de vida estabelece relações com pessoas e objetos e atribui significado a essa relação. Contudo percebe-se que isso normalmente não acontece com crianças autistas.

Leboyer (1995) afirma que quase metade dos autistas não fala e não balbucia nenhum som. Se a fala ocorre não tem valor de comunicação e pode ser dotada de ecolalia e uso estereotipado da fala. As crianças utilizam-se do pronome “Tu” para fazer referência a sua pessoa ao invés de utilizar-se do pronome “eu”.

Orrú (2009) destaca que dentre os problemas de linguagem percebe-se:

- ausência de fala, puxando, empurrando ou conduzindo fisicamente o parceiro de comunicação para expressar o seu desejo;
- atraso no desenvolvimento da fala, retrocesso dessa capacidade já adquirida e emudecimento em alguns casos;
- expressões por meio do uso de uma ou duas palavras em vez da elaboração de frases;

- pouca fala comunicativa, com tendência ao monólogo;
- dificuldade na compreensão de informações ou significados abstratos;
- mímica e gesticulação mínimas (ORRÚ, 2009, p, 39).

O DSM-IV também menciona uma lista prejuízos qualitativos na comunicação manifestada em pelo menos uma das seguintes situações:

- (1) Atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada (não acompanhado por uma tentativa de compensar essa ausência por meio de modos alternativos de comunicação ou mímica);
- (2) Acentuado comprometimento da capacidade de iniciar ou manter uma conversa em indivíduos com fala adequada;
- (3) Uso estereotipado e repetitivo da linguagem idiossincrática;
- (4) Ausência de jogos ou brincadeiras de imitação social variado e espontâneo, próprios do nível do desenvolvimento; (APA, 2000 apud RAPIN 2009, p, 67).

Ainda sobre a comunicação verbal e não verbal das crianças autistas, Leboyer (1995) descreve as seguintes características:

A comunicação verbal é patológica, a expressão é anormal, a compreensão da linguagem é também muito limitada: se os autistas podem seguir uma instrução simples, mais frequentemente eles não conseguem executar ordens que impliquem a combinação de um ou vários itens, sobretudo se são apresentadas num contexto novo e sem ajuda de gestos. Quanto á comunicação não-verbal, ela é também limitada, senão ausente: as expressões gestuais ou as mímicas são inexistentes, a criança não é capaz de atribuir um valor simbólico aos gestos. Um elemento é característico: os autistas quando querem atingir um objeto, pegam a mão ou o punho de um adulto. Mas eles nunca o apontam e nunca acompanham seu pedido de um gesto simbólico ou de uma mímica (LEBOYER, 1995, p,17)

Continuando a observação do Tripé do Espectro Autístico, no que diz respeito ao comportamento dos autistas, observa-se os comportamentos repetitivos. Segundo Mandelbaum e Mink (2009), o autista pode apresentar comportamento estereotipado. As estereotipias são movimentos repetitivos que segundo Mandelbaum e Mink (2009) são padronizados, despropositados e involuntários como:

balançar e abaixar a cabeça, andar em círculos, agitar as mãos, bater palmas, menear os dedos e fazer caretas. Os registros de estereotipias, no entanto, não dependem da existência dessa

manipulação. As estereotípias são rítmicas e contínuas, e tendem a mudar pouco ao longo dos anos (MANDELBAUM e MINK, 2009, p, 84).

Os comportamentos estereotipados, segundo Bosa (2002), têm diferentes atribuições dependendo da situação, pois um mesmo movimento pode ter várias representações para um autista. Conforme Leboyer (1995) os autistas podem apresentar um apego excessivo a algum objeto e mantê-lo por muito tempo, mudanças repentinas podem causar alteração no humor nesses indivíduos. Alguns indivíduos com autismo podem ainda se auto-agredir, apresentar compulsões rituais, uniformidade e restrição alimentar.

Diante das reflexões a cerca da definição e da etiologia do autismo, pode-se perceber que mesmo havendo diferentes concepções, que há um consenso a cerca do tripé do Espectro Autístico, sendo que deve ocorrer o comprometimento dessas três áreas para o diagnóstico.

Feitos os esclarecimentos a respeito da história, etiologia e características das pessoas com autismo, no próximo capítulo serão abordados aspectos referentes ao atendimento educacional de alunos com autismo e com outras necessidades educacionais especiais.

### **3 A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA ESCOLA REGULAR**

A inclusão impõe uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita àqueles que apresentam deficiências, mas estende a qualquer aluno que manifeste dificuldade na escola, ainda que contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de todos professores. A inclusão é uma força cultural para renovação da escola, mas, para ter sucesso, as escolas devem tornar-se comunidades conscientes. Sem esse sentido de comunidade, os esforços para alcançar resultados expressivos são inoperantes (FERREIRA E GUIMARÃES, 2003).

Atualmente percebe-se a existência de literaturas a cerca do autismo que possibilitam reflexões sobre suas características e a importância da escola apresentar respostas às necessidades desses alunos. A partir dessas reflexões emergem questionamentos quanto à inclusão dessas crianças na escola regular. Hoje já se postula que essa inclusão proporciona aos alunos com autismo a oportunidade de conviver com outras crianças, favorecendo o seu desenvolvimento social.

A educação é direito de todo ser humano, sendo assim faz-se necessário contextualizar e estudar o conceito de educação inclusiva.

#### **3.1A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NA ESCOLA REGULAR**

Mesmo havendo literatura disponível sobre autismo, ainda é considerado pouca tendo em vista que até pouco tempo está síndrome era confundida com a deficiência intelectual.

Na sociedade, ao longo da história, podemos observar muitas dificuldades enfrentadas pelo ser humano que possui característica diferenciada. No decorrer da história, a educação de pessoas que possuem algum tipo de deficiência também tem enfrentado obstáculos. Dessa forma são necessárias reflexões a fim de entender a trajetória da educação de pessoas com deficiência e como a sociedade compreendia a educação dessas pessoas ao longo da história

De acordo com Ferreira e Guimarães (2003), Seguin (1812-1888) foi um dos primeiros estudiosos que organizou estudos metodológicos acerca da educação de pessoas com deficiência. Nesse período o enfoque sempre foi relacionado a

problemas médicos. Ferreira e Guimarães (2003) ressaltam que apesar dos avanços na educação dos alunos com deficiência, das reformulações ministeriais pelo governo brasileiro, da criação de órgãos ministeriais de competências específicas e da elaboração de leis. A educação especial, durante muito tempo, apresentou-se como uma ideia centrada no déficit ou doença (ORRÚ, 2009). Sobre isto, Ferreira e Guimarães (2003) pontuam:

Percebe-se assim, que as pessoas com deficiências, apesar de serem vistas como cidadãos, capazes de direitos e deveres de participação na sociedade, continuavam a ser atendidas sob uma ótica assistencial e criativa, predominando ainda a hegemonia médica (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 93).

Em 1948, surgem com a Declaração Universal dos Direitos Humanos as primeiras políticas embasadas em uma nova perspectiva. O movimento realizado pelos pais de crianças com deficiência que reivindicavam a admissão de seus filhos nas instituições educacionais culminou com a criação das escolas especiais e posteriormente as classes especiais.

Em relação à legislação educacional, a educação especial teve sua primeira referência na LDB 4.024/ 61. Nessa lei a educação especial foi colocada no Título X, arts. 88 e 89, que destacava a educação geral e comum (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p 93). Após a instituição dessa lei pode ser observado o aumento de instituições especializadas privadas de cunho filantrópico e aumento de vagas nas instituições pública para as classes populares (MENDES, 2010). Nesse período ainda, segundo Mendes (2010) observava-se

[...] o crescimento da institucionalização, da implantação de escolas especiais comunitárias e de classes especiais nas escolas públicas para os variados graus de deficiência em vários países ao longo da primeira metade do século XX, no Brasil predominou no geral a despreocupação com a conceituação, com a classificação e com a criação de serviços. A pequena seleção dos “anormais” na escola ocorria em função de critérios ainda vagos e baseados em “defeitos pedagógicos” (MENDES, 2010, p, 97)

Ferreira e Guimarães (2003) compartilham com a ideia acima e ressaltam que a partir dos anos 60 começavam a surgir em uma escala maior às instituições especializadas, as escolas especiais, centros de reabilitação, oficinas de trabalho e

associações. As autoras pontuam que até as primeiras décadas do século XX que: “[...] a deficiência foi compreendida como um” problema” da pessoa, sendo-lhe exigido adaptar-se à sociedade ou disponibilizar-se a mudanças impostas pelo atendimento proposto por profissionais, através de reabilitações” (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 96).

No que diz respeito ao atendimento educacional de alunos com autismo no período de 1963 a 1983, observa-se que a mesma passa a ser vista e entendida como tratamento. Nessa nova perspectiva surgem novos procedimentos e programas para ajudar as pessoas com autismo (SILVA, 2011, p, 44). Dentre esses programas, destaca-se em 1966, na Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte, o TEACCH que é Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicaped Children (Tratamento e Educação para Autista e Crianças com Deficits relacionados à Comunicação). De acordo com Orrú (2009, p 51) “esse programa visa indicar, especificar e definir de maneira operacional os comportamentos que devem ser trabalhados”. O ambiente é totalmente manipulado pelo professor ou pelo profissional que atua com o autista, visando ao desaparecimento ou à redução de comportamentos inadequados a partir de reforço positivo (ORRÚ, 2009).

Cunha (2009) também postula a cerca do programa TEACCH que:

O método utilizava avaliações, levando em conta os pontos fortes e as maiores dificuldades do indivíduo, em um programa individualizado. Ele objetiva desenvolver a independência do autista de modo que ele, ainda que precise do professor para o aprendizado, possa ser, em grande parte do seu tempo, independente para fazer coisas relacionadas à sua vida diária (CUNHA, 2009, p,73).

Na sua análise sobre o programa TEACCH, Rodrigues e Spencer (2010) descreve como pontos positivos do programa a utilização de estímulos visual e audiocinestésico e o trabalho individual com as crianças. Entretanto, como ponto negativo ele postula que o programa usava uma abordagem determinista que não considera o espaço como motivação de livre escolha, pois há uma diminuição na vivência de ações espontâneas.

O paradigma da integração, também foi muito importante na história do atendimento educacional das pessoas com deficiência. De acordo com Ferreira e

Guimarães (2003) a prática da integração, configurou-se nos anos 60 e 70 como “modelo médico da deficiência”, tal modelo defendia que era necessário alterar as habilidades das pessoas com alguma necessidade especial, visando adaptá-las a sociedade. Sobre a origem da palavra integrar, as autoras informam que esta vem do latim *integrare* que significa forma, coordenar ou combinar num todo unificado e integração é o ato ou processo de integrar (GUIMARÃES e FERREIRA 2003,p,110). O paradigma educacional de integração tem como objetivo descrito por Glat e Blanco (2007) oferecer:

[...] aos alunos com deficiência o ambiente escolar menos restritivo possível. Este modelo visava preparar alunos das classes e escolas especiais para ingressarem em classes regulares, quando receberiam, na medida de suas necessidades, atendimento paralelo em salas de recursos ou outras modalidades especializadas (GLAT E BLANCO, 2007, p,22).

Sobre a integração Guimarães e Ferreira (2003) pontuam ainda que:

Ao se discutir a integração no contexto educacional, investe-se na possibilidade de que esses indivíduos não somente frequentem uma escola, mas também aprendam e acompanhem um currículo regular, à luz do método pedagógico utilizado para a população escolar considerada normal (GUIMARÃES e FERREIRA, 2003, p.111).

Partindo desse pensamento das autoras, o processo de integração consistiria em utilizar com a pessoa com necessidades educacionais especiais os mesmos recursos, estratégias e práticas utilizadas com os demais alunos. Glat e Blanco (2007) ao fazerem uma reflexão sobre o papel das classes especiais no paradigma da integração tecem a seguinte crítica:

[...] um meio para o aluno alcançar o ensino regular, tornaram-se um fim em si mesma. E, mais grave ainda, acabaram virando “deposito” de alunos que apresentavam problemas de aprendizagem. Em outras palavras, eram “exilados” para classes especiais alunos com dificuldade de adaptação às exigências de uma escola cujas práticas eram desvinculadas da realidade social na qual estava inserida (GLAT e BLANCO, 2007, p. 22,23).



O paradigma da integração sofreu varias críticas, pois exigia uma preparação dos alunos com deficiência para poder está na escola regular, sendo assim os alunos com necessidades especiais deveriam acompanhar e adaptar-se a escola, currículo e a didática da sala, ou seja, a escola estava isenta de qualquer fracasso desses alunos, pois os professores não precisam fazer qualquer modificação na sua pratica docente para favorecer o ensino e a aprendizagem (SILVA, 2011). Diante deste descaso da escola regular muitos alunos continuavam segregados em escolas ou classes especiais. Outra critica está embasada no isolamento e na falta de dialogo do professor da sala de recurso com o da classe regular que o aluno estava. A escola tradicional acabava delegando ao docente da sala de recursos a responsabilidade da aprendizagem desse aluno. (GLAT, BLANCO, 2007, p. 23). Mesmo com as criticas a esse modelo de integração, não se poder esquecer que o mesmo possibilitou reflexões para uma nova forma de ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais e sua inclusão na escola regular.

No que diz respeito às pessoas com autismo não foi possível encontrar dados específicos da situação das mesmas no período de integração. Mas supõe-se com base nas informações fornecidas sobre a educação de alunos com outras necessidades educacionais, que em sua maioria, as pessoas com autismo no período da integração estavam em instituições especializadas.

Diante da nova configuração educacional e do avanço do paradigma inclusivo no Brasil foram feitos questionamentos acerca da integração de indivíduos com algum tipo de deficiência na escola regular. Segundo Glat e Blanco (2007) nas ultimas décadas em virtude dos avanços tecnológicos das ciências e das novas configurações sociais, a Educação Especial procura novas maneiras de ser menos segregativa. A politica de educação inclusiva é de responsabilidade do governo e da instituição escolar. “A educação inclusiva é atualmente a política educacional oficial do país, amparada pela legislação em vigor e convertida em diretrizes para a Educação Básica dos sistemas federal, estaduais e municipais de ensino [...]”. (GLAT; BLANCO, 2007, p. 23-24 apud SILVA 2011,p, 48)

Glat e Blanco (2007) diz que a educação inclusiva significa:

[...] um novo modelo de escola em que é possível o acesso e permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras de aprendizagem (GLAT e BLANCO 2007, p.16).

Muitos autores fazem reflexões a cerca da relação entre integração e inclusão. Para alguns existe uma relação direta onde os mesmos seriam sinônimo um do outro. Contudo, para outros esses termos se diferem. Para Mantoan (1998) a noção de inclusão difere da de integração, pois na inclusão a inserção ocorre de forma sistemática e radical.

O conceito se refere à vida social educativa, e todos os alunos devem ser incluídos nas escolas regulares e não somente colocados na “corrente principal”. O vocábulo “integração” é abandonado, uma vez que o objetivo é incluir um aluno ou um grupo de alunos que já foi anteriormente excluído; a meta primordial da inclusão é a de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo. As escolas inclusivas propõem um modelo de se construir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentem dificuldades na escola, mas apoia a todos- professores, alunos, pessoal administrativo- para que obtenham sucesso na corrente educativa no geral (MANTOAN 1998 *apud* FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p. 116).

Partindo dessa afirmação podemos compreender e entender que a inclusão traz com sigio um panorama de mudanças na estruturação educacional do país, a fim de atender as necessidades desse aluno, pois a inclusão não só agrega os que possuem alguma necessidade especial mais qualquer aluno que tem dificuldade de ensino-aprendizagem. Sendo assim a educação inclusiva permitirá uma igualdade de oportunidade a todos, independente do aluno ter necessidades especiais (GUIMARÃES e FERREIRA, 2003).

Karagiannis, Stainback e Stainback (1999, p. 21 *apud* SILVA, 2011) apontam que:

Em um sentido mais amplo, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e sala de aulas provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas.

Diante deste novo paradigma a educação deve ser para todos. Todas as crianças sem diferenciação podem se favorecer pelo conhecimento adquirido no âmbito escolar. Os discentes com necessidades especiais que estão inseridos em

ambientes inclusivos podem apresentar melhor desempenho escolar e social (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003).

Pensando sobre esse conceito é perceptível as modificações que ocorreram a partir desse novo paradigma onde a Educação Inclusiva deve ser embasada em uma educação de qualidade onde a troca de conhecimento seja de maneira a contemplar todos os alunos, independente de suas necessidades.

As pessoas com autismo hoje, têm direitos legais a educação e inclusão escolar. Nota-se que cada dia mais escolas e professores tem recebido alunos com necessidades especiais, sendo assim é preciso que haja uma adequação no currículo, avaliação e principalmente a escola precisa rever e repensar suas atitudes pois, a inclusão é um processo que implica vários fatores e requer aperfeiçoamento constante.

É importante lembrar que de acordo Tripé do Espectro Autístico, conforme figura 1, as pessoas com Autismo possuem características peculiares, que variam de acordo com o grau e extensão do comprometimento da síndrome. Sendo assim não há como ter um modelo de educação pré-definida para eles. Para se elaborar uma proposta educacional adequada é necessário conhecer o perfil de cada um e não só levar em conta o diagnóstico médico.

Mesmo com as características diferenciadas apresentadas pelos indivíduos com autismo é possível que esses alunos possam ser inseridos em escolas regulares e que essas se tornem espaço de aprendizagem e convivência social. Entretanto, observa-se que mesmo com os avanços na Educação Especial, hoje muitas pessoas não tem conhecimento aprofundado sobre o autismo, o que causa o preconceito, discriminação e dificulta a inclusão escolar.

Ainda hoje se faz necessárias mudanças na educação, pois, não adianta inserir esse aluno na escola regular, se continuarem segregados e excluídos na sala. Diante de da proposta da inclusão e ainda mais quando se trata da inclusão de alunos com autismo é necessário possibilitar no ambiente escolar a aprendizagem de todos de maneira democrática visando estabelecer relações de parcerias entre professores, alunos, equipe pedagógica, família e instituições especializadas, que englobem adaptação no currículo escolar, garantindo assim o atendimento de todos os discentes de maneira igualitária.

O aluno com necessidade especial tem que sentir igual aos outros discentes. O professor tem um papel importante nesse processo, pois ele é o mediador no

processo de ensino e aprendizagem, além de ser quem recebe esse aluno na sala de aula regular. Sua atitude perante a necessidade educacional especial desse discente é determinante de como vai ocorrer a relação professor - aluno e aluno-aluno. Por isso é necessário investir na formação de professores visando o desenvolvimento de uma prática adequada com o aluno, além do conhecimento teórico, o professor precisa conhecer seu aluno, pois, isso facilita o planejamento das atividades e como aplicar levando em consideração o tempo para que o discente possa realizar.

O docente precisa organizar um trabalho pedagógico e pensar em estratégias para garantir que todos tenham possibilidade de participar da aula e aprender. É importante ressaltar que este planejamento deve ser condicente com a necessidade dos alunos com Autismo. Contudo, o professor não é o único responsável pela educação desses discentes com necessidades especiais, a escola também participa dessa inclusão juntamente com a família.

Diante do que já foi escrito, e refletido neste trabalho, é reconhecida a necessidade da escola atender e trabalhar todas as necessidades apresentadas pelos alunos com autismo, contudo, neste trabalho será dada ênfase a questão da importância da interação social para a inclusão de alunos com Autismo. No próximo tópico serão abordadas questões referentes a interação social desse aluno na escola regular.

### **3.2 A ESCOLA COMO ESPAÇO IMPORTANTE PARA A INTERAÇÃO DO ALUNO AUTISTA**

A abordagem de Vigotsky enfatiza a importância das interações sociais para a construção do ser humano e desenvolvimento das pessoas. Essa interação é tão importante que baseadas na concepção de Scalcon (2002, p. 52 apud SILVA 2011p, 65) “[...] o conhecimento é construído na interação sujeito-objeto a partir de ações socialmente mediadas”. A este respeito, de acordo com Orrú (2009, p. 83) a concepção sócio-histórica de Vigotsky postula que “[...] o ser humano se constitui como sujeito a partir de sua interação social com o mundo. É a possibilidade de comunicar-se com os outros, de entender e se fazer entendido que impulsiona o desenvolvimento”.

Para abordagem histórico –cultural de Vigotsky o individuo se constitui como sujeito na sua relação com o outro por meio de uma ação mediadora. Segundo Vigotsky:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio em um sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas por meio do prisma do ambiente da criança (VIGOTSKY, 1994 apud ORRÚ 2009, p,61 e 62).

Refletindo acerca destas colocações e compreendendo a escola como um espaço socialização e interação social, é importante destacar o papel da escola para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças Autistas e sua influência nas interações que ocorrem no ambiente educacional.

Ciente do papel da escola no favorecimento da interação social é concernente destacar que as relações sociais e de aprendizagem que ocorrem no ambiente escolar favorecem o processo de desenvolvimento do discente que possui alguma necessidade especial, pois provocam mudanças que vão favorecer a relação com outro e o processo de ensino-aprendizado. Criar estratégias para favorecer a interação social é importante para todos os alunos e ainda mais para os alunos com autismo que apresentam dificuldade na interação social. Diante disso o professor tem um papel importante nesta a interação, pois ele é o mediador desse aluno com a turma e deve criar meios para favorecer um ambiente mais afetivo e acolhedor na sua sala de aula. Sobre a importância da interação social, Oliveira (1993, p. 64) destaca que:

É interessante observar que, em situações informais de aprendizado, as crianças costumam utilizar as interações sociais como forma privilegiada de acesso à informação: aprendem regras de jogos, por exemplo, através dos outros e não como resultado de um empenho estritamente individual na solução de um problema. Qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção do aprendizado e desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma produtiva na situação escolar.

No que tange os discentes com autismo o professor precisa buscar estratégias para se relacionar com este discente e depois promover um ambiente que favoreça a interação desse aluno com os outros colegas, quando isso ocorre é possível perceber avanços neste ambiente.

O relacionamento entre o aluno com Autismo e o professor pode não ocorrer tão facilmente, pois devido o comprometimento da interação social por parte dos autistas pode dificultar esse contato. Sobre isto Silva (2011, p. 68) postula que:

[...] esta tarefa pode demandar tempo e exigir um esforço muito grande por parte do professor, por conta das características apresentadas por esses alunos e requererá que ele lance mão de todas as estratégias que possam favorecer a sua interação com o aluno nessa condição. Nesse sentido, a família do aluno é uma importante aliada neste processo de aproximação, porque dispõe de várias informações sobre o aluno que podem orientar o trabalho do professor.

Refletindo sobre isto o professor precisa reservar tempo para promover a interação com este aluno, buscando entender que pode levar tempo ou não, isso vai depender de como o professor vai procurar ter esse vínculo e do perfil do aluno.

As escolas inclusivas podem se favorecer das interações ocorridas entre os alunos que possuem deficiência ou necessidades educacionais especiais, professores e demais alunos, sejam elas nas situações de aprendizagem como realização de tarefas, trabalhos em grupo e em duplas ou nas situações fora da sala de aula como, brincadeiras no recreio, auxílio para ir o banheiro, manusear algum material, dentre outras. A vivência com diferentes pessoas, possuidoras de deficiência ou necessidades educacionais especiais diversificados é uma experiência rica e possibilita mudanças de comportamentos, por parte de todos. As interações sociais favorecem o desenvolvimento social, cognitivo e cultural de todos que estão inseridos na sociedade (SILVA, 2008). Dessa forma é importante investir em situações que favoreçam a interação social entre o aluno com autismo, professor e demais alunos.

## 4 OBSERVAÇÃO DAS SITUAÇÕES VIVENCIADAS PELO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

### 4.1 METODOLOGIA

A trajetória metodológica utilizada nesta pesquisa de campo foi embasada no estudo de caso com enfoque qualitativo de pesquisa. A presente pesquisa foi adotada por entender que atende as necessidades da temática discutida neste trabalho. Sendo assim o estudo de caso foi o mais adequado. Sobre a pesquisa qualitativa as autoras André e Ludke (1986) pontuam que a pesquisa pressupõe um contato direto do pesquisador com o ambiente observado. Segundo ainda Bogdan e Biklen (1982 *apud* ANDRÉ E LÜDKE 1986, p. 13) a pesquisa qualitativa envolve: “obtenção de dados descritos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

O início desse processo de pesquisa de campo ocorreu primeiramente em encontrar um aluno autista matriculado na escola regular. Na instituição escolar privada em que a autora deste texto trabalha existe um aluno com necessidade especial, contudo depois de maiores informações foi averiguado que o aluno ainda não possui diagnóstico médico. Ocorreram dificuldades para encontrar o aluno tendo em vista que a autora só tinha disponibilidade pela manhã. A intenção da pesquisa desde o início era observar uma escola pública e perceber como as interações sociais entre o aluno com autismo e o professor da escola regular influenciam no processo de inclusão escolar de alunos autistas. Diante do pouco tempo para a pesquisa e observação foi optado pela observação de um pré-adolescente com autismo matriculado na escola municipal que foi indicado por uma amiga da autora. O primeiro contato com a instituição foi com coordenadora em uma primeira conversa, onde concedeu a permissão para a observação.

O estudo de caso teve início em 19 de agosto 2013 e terminou em 23 de agosto de 2013 com o objetivo de perceber como as interações sociais entre o aluno com autismo e o professor da escola regular influenciam no processo de inclusão escolar do aluno com Autismo. As observações foram norteadas pelo roteiro de observação que foi adaptado de Silva (2011).

Para responder ao roteiro de observação foram realizadas cinco visitas com carga horária de quatro horas diárias na classe e demais espaços da escola frequentados pelo aluno com autismo e conversa com a professora. Devido ao pouco tempo para observação não foi possível analisar com mais afinco.

## **4.2 A ESCOLA**

A observação foi realizada em uma escola de ensino fundamental I (1º ao 5º ano) pertencente a rede municipal de ensino localizada em Salvador – Bahia. A escola é considerada de médio porte e funciona nos dois turnos, matutino e vespertino, com um total de 400 alunos, sendo 210 pela manhã e 190 pela tarde. Possui 8 salas e sete professores que trabalham os dois turnos. Uma sala é utilizada para o projeto Mais Educação, que é um projeto que trabalha oficinas que os alunos participam no turno oposto ao de estudo. As oficinas são variadas como: Letramento, Direitos Humanos, Dança, Matemática, Música e Brinquedos Recicláveis. Segundo a coordenadora a prioridade é para os alunos com índice de notas baixo e para os alunos com algum tipo de necessidade especial. A instituição possui dois banheiros, possui duas áreas para recreação dos alunos, sendo uma na entrada e outra no fundo.

Na escola, existem outros alunos com necessidades especiais que segundo a coordenadora são: dois com deficiência intelectual, um com deficiência física, dois alunos com autismo, em turnos diferentes, e seis com dislexia. A direção, professores e funcionários aparentam ter um bom relacionamento entre si. A comunidade é muito presente na instituição. Segundo informações ocorrem bimestralmente o encontro entre a escola e a comunidade, visando fortalecer os laços. A escola está passando por algumas reformas na parte elétrica e uma sala está sendo montada para ser espaço de aula de Dança. A sala observada é pequena, possui 29 alunos com faixa etária de 9 e 10 anos de idade.

Mesmo com um tempo restrito de observação pode-se observar que a escola procura estimular o desenvolvimento individual, cognitivo e social dos alunos. Existem pequenos projetos que são desenvolvidos no decorrer do ano. Esses projetos são desenvolvidos por sala e depende da necessidade da turma. Na sala em particular que ocorreu a observação o projeto é o Solettra Ai! Todas as salas de aula são bem decoradas com: Painel central, Cantinho do Aniversariante,



Combinados, Espaço Literário entre outras coisas. A escola procura trabalhar as questões de inclusão, respeito às diferenças e o negro como referência.

### 4.3 O ALUNO OBSERVADO

As informações de cunho pessoal e geral foram fornecidas pelos relatos da professora do aluno e da coordenadora. Não foi possível como dito anteriormente ter mais informações devido ao pouco tempo. Neste sentido não foi possível conhecer e conversar com a família do aluno.

Anderson (nome fictício) tem 10 anos, têm cinco irmãos. Ele é o mais velho, mora com os irmãos, mãe e a avó, não possui contato com o pai. Dentre os cinco irmãos é o único que possui necessidade especial. O aluno estuda na escola desde pequeno e está atualmente no 3º ano. Anderson no seu dia-a-dia é calmo e tranquilo, ele repete frases curtas e palavras, característica da ecolalia. Segundo Bosa (2002) a ecolalia, está presente no aspecto da linguagem da pessoa com autismo, que é a repetição de palavras ou frases. Ela faz considerações a cerca dessa ecolalia:

Essas ecolalias podem ser (imediate à fala do outro) ou tardias (repetição de algo ouvido no passado). As ecolalias parecem ter função comunicativa. Serviriam como atos de fala, como pedidos, afirmações, troca de turnos, etc; mas também podem ser resultante de uma dificuldade de compreensão, considerada normal nesses indivíduos (BOSA, 2002, p, 59).

Anderson gosta de sentar no fundo sala, em um canto mais distante dos colegas e passa muito tempo com as mãos entre as pernas. Como já descrito neste trabalho um das características do autismo é a falha na interação social que pode se apresentar com o isolamento do individuo como observado em Anderson. Ele participa do projeto Mais Educação na oficina de Brinquedos Recicláveis, pois gosta de brincar com os brinquedos. Segundo a professora o aluno com autismo gosta muito de bonecos e que por isso sempre que possível ela dar brinquedo de presente para ele.

Nas observações foi possível perceber que Anderson tem um bom relacionamento com a professora e colegas, principalmente porque a turma é a mesma nos últimos 3 anos, o que ajuda fortalecer o relacionamento entre eles. Ele conhece os funcionários, diretora, vice, coordenadora, as merendeiras e porteiro

pelo nome, só não sabe o nome das pessoas que trabalham na secretaria. Toda segunda feira no pátio são transmitidos os informes e ocorre a execução do hino nacional, neste dia foi possível constatar que ele conhece alguns alunos de outra turma. Neste sentido é possível compreender que o convívio com outras pessoas é muito importante para o desenvolvimento social desta criança.

A professora Sandra (nome fictício) tem 33 anos, cursou a graduação de normal superior e atua na unidade escolar observada há onze anos. A professora no decorrer de sua carreira participou de cursos como: Ludicidade com estratégia de inclusão escolar na APAE 2007, Educação inclusiva: Estratégias e saberes necessários APAE 2009 e minicursos ministrados na instituição que ensina na área de inclusão e questões referente à discriminação racial, pois segundo a mesma tem paixão por essas temáticas. Atualmente é a professora de Anderson e a que possui um maior contato com o aluno. Na sala da professora, além do discente com Autismo tem um com Deficiência Mental.

No que diz respeito às questões de inclusão educacional a professora diz que é muito importante valorizar a diferença de aprendizagem que o aluno possui, e que não acha necessário selecionar formas diferentes de aprendizagem. Contudo ela ressaltou que é preciso conhecer esses alunos para poder pensar e aplicar estratégias de aprendizagem que contemple a todos. Ela já participou de vários cursos de inclusão dentre um foi o da APAE. Sandra demonstrou gostar e ter interesse pela área de Educação Especial.

Em uma das conversas, quando perguntado se ela se sentia preparada para atender as necessidades do seu aluno com autismo, a professora respondeu que no caso de Anderson sim, “pois ele é uma criança que não dar trabalho em sala, não é agressivo com os colegas mesmo tendo suas dificuldades, gosta até de brincar com os colegas. Caso o nível de comprometimento dele fosse maior acredito que não estaria preparada.” Essa informação confirma o que diz a literatura que o indivíduo com autismo pode variar no grau de comprometimento das dificuldades apresentadas na interação social, comunicação e comportamento e que cada um responde de um jeito aos estímulos promovidos na escola. Segundo Bosa (2002) já se pode pensar em uma nova visão acerca das características do autismo.

Durante muito tempo prevaleceu a noção de pessoas com autismo sendo alheias ao mundo em ao seu redor, não tolerando o contato físico, não fixando o olhar nas pessoas interessando-se mais por objetos do que por outras pessoas. Nem todos os autistas mostram

aversão ao toque ou isolamento. Alguns, ao contrário, podem buscar o contato físico, inclusive de uma forma intensa, quando não “pegajosa”, sendo pais e professores (BOSA, 2002, p, 34).

Foi possível perceber nas observações esta mudança, Anderson, conforme relatado é tranquilo e se relaciona com os colegas.

A docente tem uma boa relação com o aluno. Ela demonstra está sempre preocupada em fazer com que ele participe das aulas. Foi possível perceber que várias vezes ele levantava para fazer perguntas a professora; ela sempre respondia a suas perguntas. Inclusive em uma desses contatos com a docente ele falou sobre uma receita de bolo que aprendeu com a avó. A professora gosta de trabalhos em grupos ou em dupla. No período da observação foram feitos dois trabalhos em grupos. O primeiro deles foi o reconto da história do Saci, Boto cor de rosa, Mula sem cabeça, Curupira e Boi-bumbá. Nesta semana na escola estava trabalhando atividades referentes ao folclore. A professora dividiu a turma em cinco grupos, Anderson ficou no grupo da história do Boto cor de rosa; ela solicitou que fizessem a leitura e depois o reconto através de desenhos. Posteriormente cada grupo iria falar sobre o seu desenho. No momento da apresentação de Anderson ele falou apenas sobre o desenho (ele desenhou uma flor e uma baleia), a professora fez algumas perguntas no intuito de fazê-lo falar mais coisas, porém ele disse que desenhou o que queria.

Em outro momento de atividade em grupo ela fez a contação da história do livro “O cabelo de Lelê” que fala sobre conhecer a história dos seus antepassados e aceitar a forma como o nosso cabelo é. Feita a leitura com o data show, ela fez muitas perguntas aos alunos. Uma dela foi direcionada a Anderson perguntando se ele gostava de seu cabelo e ele respondeu que sim e que o seu cabelo é curto. Em seguida entregou folha de cartolina para os grupos e pediu que fizessem um cartaz com as gravuras de cabelo black. Anderson a princípio não quis participar desta atividade; ficou sentado em seu lugar, mesmo a professora insistindo para ele participar. No final da atividade que ele demonstrou interesse em colar as gravuras. No momento das atividades realizadas observou-se que a professora sempre incentivava Anderson a participar. Neste sentido pode-se ressaltar que os incentivos na realização da atividade é um fator que favorece a inclusão e socialização desse

aluno. É muito importante o docente construir situações que favoreçam o desenvolvimento social e cognitivo do discente com autismo

Em relação à interação com os colegas, pode-se verificar que os colegas do aluno com autismo o tratavam igual a qualquer outro sem nenhuma distinção. Mostravam-se sempre solícitos em ajudar nas atividades, quando seu material cair no chão ou no empréstimo de algum material como apontador.

Anderson se comunica bem com os colegas e professora. Em determinados momentos constatou-se a fala ecológica e o olhar do discente parecia distante. Na explicação da tarefa tinha algumas dificuldades na compreensão, contudo a professora sempre perguntava se ele entendeu.

Nas atividades desenvolvidas pelo aluno, observou-se que ele demonstra saber ler, escrever, em grande parte consegue acompanhar a professora na explicação do conteúdo e escrita da atividade no caderno. Mais uma vez vale ressaltar que a docente sempre procurava fazer perguntas a Anderson em relação ao assunto. Algumas atividades ele não conseguiu realizar até o final devido às características das pessoas com autismo, em não ficar por muito tempo concentrados. Quando Anderson não concluía sua atividade a docente fazia intervenções no sentido de incentivar o mesmo a terminar a atividade. Ela o chamava a sua mesa e o colocava sentado perto para explicar novamente a atividade, só que dessa vez de outra maneira, para ver se ele compreendia melhor. Em uma das explicações utilizou o material dourado para melhor visualização e compreensão. Essas intervenções facilitavam na conclusão da atividade.

No decorrer das observações foi possível notar que as interações e intervenções realizadas pela docente facilitavam o processo de inclusão de Anderson. Pode-se observar na prática diária da professora em sala e nas conversas que ela possui conhecimento sobre o que seja inclusão educacional de pessoas com necessidades especiais e que acredita que é possível haver inclusão sem exclusão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é o objetivo deste trabalho esgotar o estudo sobre a inclusão do aluno autista na escola regular, tendo em vista que foi realizado apenas um estudo de caso. Acredito que outras pesquisas podem chegar a outros resultados diferentes dos apresentados nesta pesquisa.

A inclusão escolar de alunos com autismo é tema que necessita de mais estudos na área, pois é um objeto de estudo recente. Por isso existem poucas obras disponíveis sobre o tema. O enfoque desta pesquisa foi observar como as interações sociais entre o aluno com autismo e o professor da escola regular influenciam no processo de inclusão escolar. O objeto da pesquisa norteou todo o trabalho e estrutura. Com leituras pertinentes e observação de campo foi possível ressaltar pontos importantes na pesquisa.

Na realização deste trabalho foi possível notar que existiam interações sociais entre os colegas e a professora com o aluno autista e que essas interações estimulavam o processo de inclusão e favoreciam a interação, na medida em que faziam com que o aluno deixe de se isolar na sala. Neste sentido podemos compreender que mesmo com as dificuldades do autista em manter interação, nesta pesquisa foi possível constatar que o aluno se relacionava com a professora e colegas.

Verificou-se que a professora tinha informação e conhecimento sobre inclusão escolar e na sua prática docente procurava utilizar estratégias que favorecem as interações sociais do aluno com autismo e seus colegas, o que contribui para o processo de inclusão. Ela procurava através de estratégias pedagógicas desenvolver atividades que permitisse uma maior participação do aluno com Autismo estimulando o seu desenvolvimento cognitivo.

Outro ponto importante da pesquisa foi observar a existência de interação do aluno com autismo e seus colegas. Observou-se que os colegas, o tratavam igual a qualquer outro, não tinha nenhum distanciamento do aluno. Nas atividades, principalmente em grupo, os colegas incentivavam para que ele participasse. Vale ressaltar o quanto as interações sociais vivenciadas na escola pode contribuir para o desenvolvimento do aluno. Nota-se assim que alguns alunos com autismo podem se relacionar bem com os outros.

Diante das leituras de outros trabalhos referentes à inclusão do aluno autista na escola, a autora percebeu que neste caso está ocorrendo a inclusão e que a escola propicia ao aluno com autismo o desenvolvimento de suas capacidades social e cognitiva, mas também existem casos em que inclusão se torna exclusão.

Com base nas leituras, constatou-se que para que haja inclusão são necessárias modificações, não apenas nas questões físicas e estruturais da escola, mas também mudanças de conscientização de todos com relação a inclusão. É preciso ter, mais informações para diminuir o preconceito e dar oportunidades a todos e para que exista uma educação inclusiva sem medos, temores, receios ou preconceitos.

Este trabalho alerta para a necessidade da realização de mais estudos sobre a temática da inclusão de aluno autista na escola regular.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. **Manual Informativo aos Pais sobre o Paradigma da Inclusão e Dúvidas sobre Educação Especial**. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/art\\_manual\\_informativo.asp](http://www.educacaoonline.pro.br/art_manual_informativo.asp). Acesso em: 6 de maio 2013

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o Autismo**: a criança, seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ANDRÉ, Marli Dalmazo Afonso de; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco Baptista; KUCZYNSKI, Evelyn. **Autismo Infantil**: Novas tendências e perspectivas. São Paulo: Atheneu, 2009.

BLANCO, Leila de Macedo Varela; GLAT, Rosana. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana (org.) **Educação inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BOSA, Cleonice. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice (orgs.). **Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CID 10 - CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DAS DOENÇAS. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/cid.php>> Acesso em: 22 mai. 2013

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Walk, 2009.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIKOVATE,C; Mousinho,R. **Espectro autístico e suas implicações educacionais**. Rio de Janeiro: Revista SINPRO Ano 5, n.6, 2004: 26-33.

GLAT, R.; BLANCO, L.M.V. Educação especial no contexto ode uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana (ORG). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 15-35, 2007.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil**: fatos e modelos. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MANDELBAUM, David E; MINK, Jonathan W. Estereotipias e Comportamentos Repetitivos: avaliação clínica e base cerebral.In: TUCHMAN, Roberto F; RAPPIN, Isabelle (Org.). **Autismo**: abordagem neurobiológica. Tradução de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- MARTINS, Ana S. G.; PREUSSLER, Cíntia M.; ZAVASCHI, Maria L. S. A psiquiatria da Infância e da Adolescência e o autismo. In: BAPTISTA, Claudio Roberto e BOSA, Cleonice (Org.). **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre; Artmed, 2002.
- MENDES, Enicéia Gonçalves. **Breve histórico da educação especial no Brasil**. [Editorial] Revista de Educación y Pedagogía, v.22, n.57, mayo-agosto, 2010.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico**. São Paulo: Spicione, 1993.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- RAPIN, Isabelle. Linguagem e Comunicação: avaliação clínica e diagnóstico diferencial. In: TUCHMAN, Roberto F. (Org.). **Autismo: abordagem neurobiológica**. Tradução de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENSER, Eric. **A criança Autista: Um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak, 2010
- SILVA, Élide Cristina Santos da. **A Prática Pedagógica Na Inclusão Educacional De Alunos Com Autismo**. 2011. 166f. Dissertação (Mestrado em educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- \_\_\_\_\_. **A inclusão de alunos com autismo na escola regular: a importância das interações sociais**. 2008. 58 f. (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- TUCHMAN, Roberto F. **Autismo: abordagem neurobiológica**. Tradução de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- \_\_\_\_\_; RAPIN, Isabelle. Onde estamos: visão geral e definições. **Autismo: abordagem neurobiológica**. Tradução de Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2009.



## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista****Universidade Federal da Bahia  
Faculdade de Educação**

Aluna: Sueli Regina de Souza Camelo

Orientadora Élide Cristina Santos da Silva

Título da Monografia:

**Roteiro de Entrevista**  
(Adaptado de Élide Cristina Santos da Silva)**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo (  ) Feminino (  ) Masculino**Dados Profissionais:**

Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na área: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação nesta unidade escolar: \_\_\_\_\_

Série que ensina \_\_\_\_\_

Quantos alunos há na sala: \_\_\_\_\_

Quantos alunos com autismo há na sala: \_\_\_\_\_

**Inclusão Educacional**

- O que você compreende por inclusão escolar?
- Você participou de algum curso sobre autismo ou inclusão educacional?
- Você se sente preparada para atender as necessidades do seu aluno com autismo?
- Você concorda com a proposta de Inclusão Escolar?
- Como você descreve o aluno com autismo?

**Interação Social**

- O aluno com autismo interage com você?
- De que forma acontece essa interação?
- Com os colegas ele interage? Descreva como acontece essa interação.
- O que você faz para favorecer a interação social do aluno com autismo com você e com os colegas?
- Você acha importante favorecer essa interação? Por que?

## APÊNDICE B – Roteiro de Observação



**Universidade Federal da Bahia  
Faculdade de Educação**

Aluna: Sueli Regina de Souza Camelo

Orientadora Élide Cristina Santos da Silva

Título da Monografia:

**Roteiro de Observação**  
(Adaptado de Élide Cristina Santos da Silva)

### **Sobre o aluno**

#### **Atividades desenvolvidas**

- O aluno consegue realizar as atividades?
- Como ele realiza atividades?
- O aluno participa das atividades em grupo ou prefere atividades individuais?
- Como ele se comporta nas atividades em grupo?
- Você percebeu alguma mudança no aluno a partir da interação com você e com os colegas? Quais?
- Favorecer a interação social do aluno com autismo influencia no processo de inclusão e desenvolvimento desses alunos. Justifique sua resposta.
- Em sua opinião como o professor pode favorecer a interação social do aluno com autismo.
- A equipe gestora da escola ajuda na inclusão do aluno. O que eles fazem para promover essa inclusão?